
018ª SESSÃO ORDINÁRIA 15MAR2018**(Texto com revisão.)**

A SRA. PRESIDENTE (Mônica Leal): A Ver.^a Comandante Nádia está com a palavra para um Requerimento.

A Sra. Comandante Nádia (Requerimento): Sra. Presidente, enquanto Procuradora Especial da Mulher, representando todos os Vereadores, solicito um minuto de silêncio pelo falecimento da Ver.^a Marielle Franco, do PSOL do Rio de Janeiro. Foi uma morte bárbara, o que confronta com todos os nossos ideais de antiviência e tolerância. Realmente, hoje, um pouco de todos nós morreu.

A SRA. PRESIDENTE (Mônica Leal): Deferimos o pedido.
(Faz-se um minuto de silêncio.)

O Sr. Dr. Marcelo Rocha: Sra. Presidente, gostaria de reforçar o pedido da Vereadora e agradecer a lembrança da morte da nossa Vereadora da Bancada do PSOL no Rio de Janeiro, lembrando que ela foi assassinada com todo o jeito de uma execução. Era uma Vereadora negra, lésbica, ativista dos direitos humanos, que, com frequência, denunciava a violência policial do Estado contra a população mais pobre, contra a população negra. Então, a gente acredita que a morte dela não foi causal. A luta dela não ficará em vão; vamos transformar o luto pela morte da Vereadora em luta.

A SRA. PRESIDENTE (Mônica Leal): O Ver. Aldacir Oliboni está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

O SR. ALDACIR OLIBONI: Saúdo a nossa Presidente, Ver.^a Mônica Leal; colegas Vereadores e Vereadoras; público que acompanha nossa Sessão nesta tarde. Eu falo em nome da Bancada do PT – Ver. Adeli Sell, Ver. Marcelo Sgarbossa e Ver.^a Sofia Cavedon. Com certeza, nós, Vereadores e Vereadoras, queremos aqui, na tarde de hoje,

nos somarmos não só à ideia de solidariedade, mas também à luta, pois a luta só vale a pena se nós, de fato, estivermos atuantes. Por isso, queremos fazer aqui a leitura de uma nota aos colegas Vereadores e Vereadoras do PSOL que estão enfrentando, vamos dizer assim, o dia tão difícil que foi ontem e o de hoje pela morte da Marielle, Vereadora do Município do Rio de Janeiro, e que, portanto, é com pesar e com indignação que nós, enquanto bancada, também nos manifestamos aqui, em Porto Alegre (Lê.): “Companheiras e companheiros do PSOL, a longa noite do terror ainda não terminou, mas, seja pelas lamparinas ou pelas tochas da luta social e democrática, temos que cruzá-la para chegar ao amanhecer. Estamos juntos, lado a lado, ombreando a carga e o peso do duro combate sem tréguas, esmagaremos a serpente solta e rastejante do fascismo. Ela terá que ser e será detida. Os primeiros passos serão nossas manifestações de hoje e de amanhã, e outros atos, gestos, movimentos que faremos até que se acabem as trevas. Estaremos juntos nas ruas, nas praças, nos parlamentos, nos fóruns do que resta da Justiça neste País. Como também estaremos juntos na construção coletiva de um novo ‘Iluminismo’ moderno, ousado, inclusivo, participativo, numa nova sociedade solidária e democrática. Neste triste momento de dor que nos tolhe o peito, há de sobrar voz e força para gritar por liberdade fraterna e igualdade. Vamos aos fóruns internacionais para garantir os direitos fundamentais de dignidade da pessoa humana contra os crimes e os massacres dos povos e de suas bravas lideranças. Marielle Franco, teu nome, tua história, tua luta não foram em vão. Serás lembrada sempre como uma mulher que dignificou a civilização humana aqui no Brasil, mais precisamente no Estado do Rio de Janeiro, no Município do Rio de Janeiro. Assinam esta nota, os Vereadores Adeli Sell, Aldacir Oliboni, Marcelo Sgarbossa, Sofia Cavedon, da Bancada do PT, Partido dos Trabalhadores”.

Queria, neste minuto que me resta, dizer que o que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro pode acontecer em outras cidades do Brasil, como acontece, e poderia acontecer, no exterior, Ver. Adeli, Ver. Marcelo, Ver. Alex. E nós, como Vereadores, parece que somos tolhidos, somos impedidos, muitas vezes, pelo mundo da drogadição, pela violência, de até exercer a nossa profissão. Como Vereadores, nós temos que estar sempre representando a coletividade, a sociedade e, muitas vezes, ao nos depararmos com uma falta de política social em algumas comunidades, nós nos deparamos com uma realidade que jamais gostaríamos de ver, porque, muitas vezes, pela falta de emprego,

pela falta de oportunidade, esses jovens estão sendo cooptados pelo crime. E quando nós combatemos o crime, por incrível que pareça, em muitos lugares deste País, existem muitos na gestão pública que deveriam garantir a segurança do povo, mas, infelizmente, estão junto com essa atitude desleal, apoiando o tráfico e impedindo que chegue ali uma política pública que leve a eles uma creche, um CAPS, um colégio público, uma UPA, tantos outros instrumentos importantes que podem, enfim, trazer mais dignidade às pessoas.

Então, nossa saudação, como bancada do PT, aos companheiros do PSOL, mas, mais precisamente, à Marielle, que perde sua vida na luta pela busca da dignidade. Muito obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

A SRA. PRESIDENTE (Mônica Leal): O Ver. Mauro Zacher solicita Licença para Tratamento de Saúde no período de 15 de março a 18 de março de 2018. A Mesa declara empossado o Suplente, Ver. Delegado Cleiton, que integrará a Comissão de Economia, Finanças, Orçamento e do Mercosul.

O Ver. Dr. Marcelo Rocha está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

O SR. DR. MARCELO ROCHA: Boa tarde, Sr. Presidente, Srs. Vereadores, Sras. Vereadoras, precisamos gritar para que todos saibam o que está acontecendo em Acari neste momento. O 41º Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro está aterrorizando e violentando moradores de Acari. Nesta semana dois jovens foram mortos e jogados num valão. Hoje a polícia andou pelas ruas ameaçando os moradores. Acontece desde sempre; com a intervenção federal, ficou ainda pior. Compartilhem esta imagem nas suas linhas do tempo e na capa do perfil: “Marielle Franco, 10 de março, 18h27min”. Apenas quatro dias antes do assassinato covarde da nossa Vereadora – quinta Vereadora mais votada do Rio de Janeiro –, ela fez essa denúncia. Não era uma denúncia única. A Marielle vinha todos os dias fazendo a denuncia de como o Estado do Rio de Janeiro trata a sua população, especialmente a população pobre e negra. Nas favelas do Rio de Janeiro, qualquer elemento é elemento suspeito, “pessoas de bem”, como alguns gostam de dizer nas favelas, para a polícia não existe; se forem pretas, ainda pior. A Marielle é uma de nós que caiu, que foi morta com todos o jeito de execução, nove tiros, quatro

atingiram a cabeça da nossa Vereadora. A luta da Marielle não será em vão. O que aconteceu ontem lembra todos nós que temos que lutar contra toda tentativa de se retirar a democracia, nos lembra que a cadela do fascismo, como dizia Brecht, está sempre no cio. Ontem foi a Marielle, mas podia ter sido o Marcelo, podia ter sido o Robaina, a Fernanda Melchionna, o Oliboni, o Prof. Alex, podia ter sido qualquer um que denuncia o sistema de opressão contra o povo mais pobre, o sistema de opressão contra a população negra. Não é por acaso que foi uma mulher negra, lésbica, ativista dos direitos humanos, que lutava contra um sistema de opressão. Não foi por acaso.

Hoje nós estamos em luto, mas nós vamos transformar esse luto em luta. A morte da Marielle não terá sido em vão. Todos aqueles que gostam tanto de dizer que a solução para os problemas do Brasil é a bala, a bancada da bala, aqueles que querem ressuscitar os tempos sombrios que nós vivemos entre 1964 e 1985 não terão vez. A cadela do fascismo está sempre no cio, mas nós também estamos sempre aqui prontos a dizer que não passarão. Fascistas, racistas, machistas não passarão. Podem dar risada. Não passarão. Marielle, sua memória será lembrada por todos nós. A nossa Vereadora seria, com certeza, uma pessoa com uma carreira política muito profícua, tinha uma luta exatamente contra esses milicianos que ocupam infelizmente as favelas do Rio de Janeiro. Era uma luta contra aqueles que acham que população pobre tem que apanhar e tem que tomar tiro. E no dia de hoje, infelizmente, a gente tem que ouvir uma Vereadora dizer: “Que absurdo”, enquanto tem um Vereador aqui se expressando na tribuna, e criticando o que está acontecendo. Quem acha que não está acontecendo nada de diferente no Rio de Janeiro abra os olhos. A Marielle estava acompanhando a intervenção federal. Há algum tempo um general do Exército disse que não queria uma Comissão da Verdade. E a Marielle estava lá denunciando os absurdos que aconteciam com a população pobre. Então, não é um absurdo o que está sendo dito aqui, isto é a realidade dos fatos que estamos vendo no Rio de Janeiro.

A Marielle tinha um artigo no livro “Tem Saída?”, organizado por mulheres, lutadoras negras. E quanto à pergunta: tem saída? Tem. Tem saída. A saída é começar a respeitar a democracia; a saída é evoluir desse déficit de civilização que existe no Brasil, em que a resposta para tudo é bala. E a resposta para as críticas da nossa Vereadora do Rio de Janeiro foram quatro tiros na cabeça. Não é admissível, em 2018, que aconteça este tipo de coisa. Não é admissível! Nós vamos exigir até o fim que isso seja investigado e que os

culpados sejam levados à Justiça, porque isso não pode ficar assim. Não ficará assim! Isso não vai ficar assim.

(Não revisado pelo orador.)

A SRA. PRESIDENTE (Mônica Leal): O Ver. Rodrigo Maroni está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

O SR. RODRIGO MARONI: Sr. Presidente, Srs. Vereadores e Sras. Vereadoras, boa tarde. Colegas da Câmara, eu queria parabenizar aqui, em público, a colega Comandante Nádia, que organizou hoje um Seminário das Mulheres e agradecer pelo convite, pela pluralidade e pela representação de todas as mulheres que representaram todas as opiniões. Foi muito legal, a Angélica estava comentando ali, agora, no gabinete.

Eu queria, na verdade, fazer um pouco de coro com a fala do Marcelo. Eu, para quem não sabe, fui militante do Partido Socialismo e Liberdade e, com toda a diferença e a história – cada um tem a sua própria análise individual –, saí do PSOL já há pelo menos dez, doze anos. Eu era jovem, tinha 24 anos, não deu tempo de conhecer a Marielle, não a conheci, mas conheço e respeito a luta que vocês fazem. Acho fundamental existirem organizações políticas das mais diversas. Eu sou um defensor desde setores mais conservadores, mais tradicionais da política até partidos mais organizados que defendem, como vocês, revoluções e o socialismo. Conheço bastante a militância do Rio de Janeiro, porque tive alguns encontros, e quero aqui me solidarizar e dizer que hoje eu tenho, na minha base de apoio – veja só – muitos policiais, muitos brigadianos, muitos policiais civis, gente séria. Inclusive eu quero aqui falar, na frente da Ver.^a Comandante Nádia, que é difícilimo se manter numa corporação dessas com os salários atrasados, cheios de dificuldades, tendo que, muitas vezes, enfrentar e conviver com o crime e não se corromper, porque são pobres também. Ontem, por acaso, eu estava falando, Ver. Adeli Sell, com a minha mãe, um pouco antes de saber da morte da Marielle, e dizíamos o seguinte: hoje, ser policial é mais do que um ato de trabalho; é um ato de coragem, é um ato absolutamente de coragem, porque colocar o teu pelo em risco na hora que o bicho pega, por R\$ 2 ou 3 mil reais... Se pudéssemos aqui fazer um índice, constataríamos que poucos teriam coragem. Eu, particularmente, não teria. E eu conheço muitos: o major Luz, a Nádia, o Lopes – gente que viveu 30, 40 anos fazendo isso. Eles também estão em

risco, pois morrem policiais todos os dias. Gente da Polícia Civil que eu conheço, que enfrenta o crime, enfrenta o tráfico, vai com mandado na casa de traficante e tem o filho ameaçado. Particularmente, não conheço nenhum policial que não tenha um filho ameaçado – os sérios, que são a grande maioria –, a família ameaçada, ou mesmo que já não tenha sofrido duas ou três situações graves de risco.

Eu quero me solidarizar à Marielle, porque, infelizmente, no Brasil, não se pode falar tudo, Marcelo – e ontem eu falava sobre isso. Não se pode falar tudo. A Marielle talvez tenha feito uma opção corajosa, mas equivocada, de falar tudo. Lamentavelmente, na tribuna, no plenário, na política, na mobilização, a gente pode falar quase tudo, mas não pode falar tudo! E não é só sobre as milícias, mas sobre os poderes, sobre a relação que existe de poderes, a realidade, as contradições. Nós vivemos numa sociedade complexa, de contradições absolutas em que os que roubam não estão na favela apenas; a gente sabe que estão em todos os poderes, em todas as situações. E a Marielle resolveu, talvez, desafiar. Eu não teria coragem de morar no Rio de Janeiro, Raquel, e desafiar as milícias do Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro hoje, como todas as capitais, mas em especial o Rio de Janeiro, tem organizações lá em que não se respeitam mais as relações políticas, polícia, milícia, bandido, crime, juiz. Hoje, infelizmente, o Rio de Janeiro é um estado que comprova para o mundo que mata mais do que a Faixa de Gaza, que mata mais do que a Palestina, e mata polícia honesta, pai de família, gente inocente, através do crime, de bala perdida, todos os dias. Eu queria dizer aqui que realmente a história da Marielle é mais uma história que vai ser uma memória e daqui a pouco vai ser esquecida, infelizmente. E quem desafiar e falar que já estão organizadas essas milícias, milícias que, na minha opinião, são o pior tipo de coisa, porque tu tiras a possibilidade de a pessoa, inclusive, poder se defender dentro do bairro... E ela sofreu essa chacina, e o motorista que estava no carro também. Infelizmente quem desafiar falar determinadas coisas vai ter o mesmo destino. Nós vivemos em um Brasil ainda muito primitivo, que avançou muito pouco desde a independência para cá, muito pouco.

(Não revisado pelo orador.)

A SRA. PRESIDENTE (Mônica Leal): Convido a Ver.^a Comandante Nádia para assumir a presidência dos trabalhos para que eu possa me manifestar.

(A Ver.^a Comandante Nádia assume a presidência dos trabalhos.)

A SRA. PRESIDENTE (Comandante Nádia): A Ver.^a Mônica Leal está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

A SRA. MÔNICA LEAL: Obrigada, Sra. Presidente, Ver.^a Comandante Nádia; colegas, pessoas que nos assistem. Hoje nós, mulheres desta Câmara, fizemos mais um evento no mês da mulher, em homenagem ao Dia Internacional das Mulheres. E o tema era “Por mais mulheres na política”. Reunimos 14 partidos, se não me falha a memória, representantes, pessoas que foram debater os problemas e a dificuldade para mulheres na política. Vejam que ironia, no dia em que nós nos reunimos numa cerimônia suprapartidária, que se sobrepõe a siglas políticas e a ideologias, ficamos sabendo dessa execução da Vereadora Marielle, do PSOL do Rio de Janeiro. É revoltante o assassinato de uma jovem Vereadora ocorrido naquela cidade. Se foi por motivação política ou por represália, devido a Vereadora ser uma grande ativista dos direitos humanos e contra a violência, não se pode admitir esse tipo de crime nos dias de hoje. Estamos vivendo um descontrole total na segurança. É uma falta de limites, é uma inversão total sobre o valor que é a vida. A violência usada como forma de solução para o que quer que seja é inaceitável. Ao calar uma política, uma jovem, uma Vereadora, ao executar uma mulher que tinha suas causas, que brigava por elas e que as defendia, calaram muitas de nós. Quando estamos tentando despertar nas mulheres a vontade política, mesmo com todas as dificuldades que nós conhecemos num universo predominantemente de homens, fica mais difícil conseguir convencê-las, mais difícil ainda é a caminhada, que é dura, são apoios que faltam, são ausências em casa, são filhos, família, marido, muitas dificuldades dentro dos partidos. Nesse dia em que nós nos preparamos para falar para as mulheres, nós somos surpreendidas com a execução de uma jovem política: Marielle, 38 anos, que estava iniciando a sua caminhada. Por mais que eu quisesse, que tentasse exteriorizar em palavras o que eu senti quando soube da notícia, eu não conseguiria, é muito triste, é revoltante que isso tenha ocorrido, é uma barbárie. Eu creio que todas nós, todas as mulheres, juntas, temos que exigir que isso seja resolvido de forma imediata, com punição enérgica, porque, se nós vamos correr o risco de falar e ser caladas de maneira brutal e de execução, todas nós estamos correndo risco. Eu gostaria de poder, Ver.^a Comandante

Nádia – Presidente da Procuradoria da Mulher e que dirigiu o nosso evento de hoje –, comemorar, mas não posso, não tenho como, é motivo de muita tristeza. Pior do isso, ficamos surpresas, chocadas que, neste tempo em que estamos vivendo de tantos avanços, ainda aconteça uma barbárie dessas. Muito obrigada.
(Não revisado pela oradora.)

A SRA. PRESIDENTE (Comandante Nádia): O Ver. Adeli Sell está com a palavra para uma Comunicação de Líder, pela oposição.

O SR. ADELI SELL: Ver.^a Comandante Nádia, minha saudação, quero lembrar que hoje, dia 15 de março, é Dia Internacional do Consumidor; hoje ainda vou passar no Largo Glênio Peres para dar um abraço na coordenadora do Procon, a Dra. Sophia, pelo trabalho que está fazendo nessa instituição. Meu Líder Oliboni, falo aqui em nome da oposição, o Marcelo que falou há pouco aqui, o Sgarbossa, da Sofia, do Robaina, da Fernanda, do Alex, e me dou o direito de repetir a carta que vamos entregar à bancada do Marcelo. É um dia muito triste para todos nós. Eu repito as palavras já ditas aqui pelo Ver. Oliboni (Lê.): “A longa noite do terror ainda não terminou. Mas seja pelas lamparinas ou pelas tochas da luta social e democrática, temos que cruzá-la para chegar ao amanhecer. Estamos juntos, lado a lado. Ombreando a carga e o peso do duro combate sem tréguas, esmagaremos a serpente solta e rastejante do fascismo. Ela terá que ser e será detida. Os primeiros passos serão nossas manifestações de hoje, amanhã e outros atos, gestos, movimentos que faremos até que se acabem as trevas. Estaremos juntos nas ruas, nas praças, nos parlamentos, nos fóruns do que resta da Justiça neste país. Como também estaremos juntos na construção coletiva de um novo ‘Iluminismo’ moderno, ousado, inclusivo, participativo, numa nova sociedade solidária e democrática. Neste triste momento de dor que nos tolhe o peito, há de sobrar voz e força e para gritar por liberdade, fraternidade e igualdade. Bradaremos aos ventos o grito da justiça para ecoar o planeta. Vamos aos fóruns internacionais para garantir os direitos fundamentais, a dignidade da pessoa humana contra os crimes e os massacres dos povos e de suas bravas lideranças. Marielle Franco. Teu nome, tua história, tua luta não foram em vão. Serás lembrada sempre como uma mulher que dignificou a civilização humana.”

Colegas Vereadoras, colegas Vereadores, esse é o nosso sentimento de dor e amargor, porque o que aconteceu no Rio de Janeiro ontem não pode se repetir. Temos visto no Brasil afora lideranças tombarem, porque lutam por direitos! E quando se diz que não se deve calar, nós não provocaremos, porque não é o nosso feitio, mas a Vereadora foi corajosa em denunciar as milícias. E quero lembrar que o Chefe da Polícia do Rio de Janeiro foi preso. Nós queremos uma polícia militar decente, uma polícia civil decente, como temos homens e mulheres aqui que nós temos a plena convicção que dignificam, no caso do Rio Grande do Sul, a Brigada Militar e a Polícia Civil. Mas no Rio de Janeiro nós estamos vendo a cada dia que passa crimes dentro das corporações, e vejam que há dias, inclusive dentro do Exército Brasileiro, no Rio de Janeiro! Nós não podemos deixar que isso contamine o resto da Nação. Não deixemos que isso continue a acontecer, porque nós continuaremos a nossa dura peleia, no suor do combate, aos massacres, à intolerância, e nós queremos que a pessoa seja respeitada pelo simples fato de ser pessoa; lembrando o grande filósofo alemão, Immanuel Kant, que escreveu isso, há mais de 250 anos. Está na hora, como dissemos no texto, que um novo Iluminismo se projete sobre a cena brasileira, Ver.^a Fernanda. Em seguida Oliboni e eu passaremos à nossa colega Fernanda, ao Marcelo, ao Alex, aos companheiros do PSOL, aqui presentes, a nossa carta de solidariedade e o nosso grito por liberdade e democracia. Viva a Democracia, viva a Liberdade!

(Não revisado pelo orador.)

A SRA. PRESIDENTE (Comandante Nádia): Apregoo a Emenda nº 01, de autoria do Ver. Dr. Thiago, ao PLL nº 230/16.

Em votação o Requerimento de autoria do Ver. Dr. Thiago, solicitando dispensa do envio da Emenda nº 01 ao PLL nº 230/16 à apreciação das Comissões, para Parecer. (Pausa.) Os Srs. Vereadores que o aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.)

APROVADO.

Passamos ao

GRANDE EXPEDIENTE

(A Ver.^a Lourdes Sprenger assume a presidência dos trabalhos.)

A SRA. PRESIDENTE (Lourdes Sprenger): A Ver.^a Comandante Nádia está com a palavra em Grande Expediente.

A SRA. COMANDANTE NÁDIA: Muito obrigada, Ver.^a Lourdes , que ora preside esta Sessão. Em teu nome, gostaria de cumprimentar os Vereadores e Vereadoras e também dar um abraço especial aos colegas do PSOL, por conta dessa trágica morte de uma Vereadora. Estamos todos enlutados. Com certeza, Fernanda, desde hoje pela manhã, quando fazíamos um movimento por mais mulheres na política, tivemos essa notícia que nos entristece e isso só enfraquece a democracia, caro, Ver. Cassiá, só faz com que menos mulheres estejam com vontade de fazer parte da política. Não essa a política que as mulheres desejam, é uma política com segurança, é uma política com liberdade de expressão, uma política que realmente garanta a democracia e a segurança da vida para todos. Então, fica aqui o meu abraço enlutado aos colegas.

Gostaria hoje de falar, neste Grande Expediente, sobre algo que vem importunando por várias vezes esta Vereadora, que é a questão da liberação das drogas. Os principais *sites* de notícias do mundo vêm replicando a preocupação da polícia holandesa e o alerta de que a legalização ou a descriminalização da maconha não é medida de combate ao narcotráfico e ao crime organizado. A BBC Mundo repercutiu com ênfase as medidas políticas e de segurança que levaram ao aumento da criminalidade na Holanda. A liberdade do consumo de maconha nos *coffee shops* e a legalidade da prostituição têm influenciado à proliferação de gangues e organizações criminosas que a polícia não tem capacidade de combater. O Ministério Público holandês afirma que o nível atual de crime no país não pode ser combatido com os recursos disponíveis e denuncia o aumento de ataques a idosos, crimes sexuais e cibernéticos, além disso, há também um alerta sobre a existência de uma economia paralela baseada no tráfico de drogas. E não é única.

Nos últimos anos, várias organizações internacionais têm abordado o aumento de grupos ligados ao narcotráfico na Holanda. De acordo com investigações, um dos motivos é a política peculiar da Holanda em relação à maconha, cujo consumo é permitido, mas não a sua produção e comercialização. Isso leva, segundo o estudo, à criação de um mercado paralelo de abastecimento. Um relatório de 2016 da polícia da União Europeia e do Observatório Europeu de Drogas e de Dependência Química considerou que a Holanda

era o principal núcleo do tráfico de entorpecentes do continente. Ambas organizações estimaram que a maioria do ecstasy consumido na Europa e Estados Unidos são produzidos em laboratórios clandestinos no sul da Holanda. Em uma entrevista publicada, no começo do mês, na imprensa holandesa, o chefe de polícia de Amsterdã denunciou um aumento do número de matadores de aluguel que estariam dispostos, caro Ver. Pujol, a matar por cerca de quatro mil dólares. Seguindo a mesma linha da situação da Holanda, o *site* G1 Mundo destacou a descriminalização da maconha no Uruguai, e essa não diminuiu a criminalidade e nem o tráfico. Nos últimos anos, a polícia verificou o aumento de assassinatos, principalmente de homens jovens, que em muitos casos se tratavam de ajustes de contas entre pessoas ligadas ao tráfico. Brigada de narcotráficos indicou que a droga mais confiscada, em 2017, foi a maconha, chegando a quase cinco mil toneladas até dezembro. Nos últimos tempos, houve um aumento dos níveis de crimes e dos homicídios. O jornal Correio do Povo trouxe, em novembro do ano passado, a seguinte chamada: regulação do uso da maconha no Uruguai não é pacífica, destacando principalmente a questão dos danos à saúde dos jovens do Uruguai. O jornal também citou a situação frente ao tráfico, que é muito preocupante. Gerardo Amarilla, Deputado, autor de um projeto que visava a suspender a lei hoje em vigor, destaca que a lei não surtiu o efeito que se esperava com relação ao seu impacto no tráfico de drogas. Um dos objetivos do governo uruguaio ao regular a maconha era justamente debilitar o mercado ilegal. Os números de apreensão de drogas por parte da polícia dizem que está entrando no país um volume igual ou superior àquele que ingressava antes da lei. O Parlamentar chama atenção ainda para a existência do turismo canábico. Esses setores compram, no mercado negro, ou cinza, que começa a ser gerado pelas formas legais de aquisição da droga. Com tudo isso, fica a pergunta frente a esse problema: com países que se preparam com leis fortes para enfrentar e combater a criminalidade gerada pelo tráfico de drogas, como o Brasil enfrentaria essa situação, haja vista que a criminalidade não é gerada pelo número de consumidores tão somente, mas pela fonte da droga, onde é usada, como é comercializada e quanto custa. Além do custo financeiro, tem o custo de várias e várias vidas.

O tráfico não diminuirá com a legalização, isso é utópico, isso é ironia, isso é hipocrisia. Ou se acredita que cerca de um milhão e meio de adolescentes e adultos que usam maconha diariamente no Brasil, dados esses do Levantamento Nacional de Álcool e

Drogas, realizado por pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo, irão todos utilizar a droga de maneira legal? A criminalidade em torno do uso de drogas no Brasil não se combate com a liberação, se combate com políticas de segurança que reprimam o tráfico, com o fortalecimento das polícias, da Polícia Civil, da Polícia Militar, das Guardas Municipais, com a educação dos nossos jovens e adolescentes. Precisamos investir na educação, precisamos investir na saúde e na segurança. Precisa-se de conhecimento amplo sobre os prejuízos que as drogas causam não apenas ao usuário, mas principalmente a nossa sociedade, que fica, de maneira constante, refém da criminalidade que aumenta dia a dia. Não podemos nos iludir.

O Sr. Reginaldo Pujol: V. Exa. permite um aparte? (Assentimento da oradora.) Vereadora, quero lhe agradecer o aparte e, ao mesmo tempo, me desculpar por interromper o seu belíssimo pronunciamento. Há mais tempo, eu tenho ouvido o debate que se estabelece, até de forma passional, em torno do assunto; poucas vezes ele é focado com a racionalidade com que V. Exa. está enfocando, o que me deixa muito alegre em saber que, na minha Câmara de Vereadores, na sua Câmara de Vereadores, na nossa Câmara de Vereadores, o tema em pauta universalmente é tratado da forma como V. Exa. está tratando. Em verdade, o que nós observamos é que simplesmente proibir as coisas é um equívoco; da mesma forma, simplesmente liberar não é uma solução. A inteligência está em mediar essas situações como, em última análise, V. Exa. está propondo, mostrando que tanto na Holanda como no Brasil os equívocos ocorrem e precisam ser contidos, especialmente aqui, porque nós somos muito omissos quando do ingresso da droga e muito efetivos quando da saída da droga. Acho que, a rigor, ao sair, ela deixa de ser um problema meu e passa a ser problema de quem a recebe. O que tínhamos que fazer é estancar o ingresso no País, pelo menos da forma como ele ocorre: livre, tranquilo e solto. Obrigado pelo aparte.

A SRA. COMANDANTE NÁDIA: É um prazer lhe dar este aparte, Ver. Pujol. No Rio Grande do Sul, cerca de 50% dos casos de prisão ou apreensão por tráfico ou porte de drogas são pela maconha, e 90% das ocorrências atendidas no Rio Grande do Sul dizem respeito, de uma forma ou de outra, ao uso dessas drogas, ao uso de entorpecentes ou ao tráfico de drogas. A maconha é a droga mais procurada e a mais acessível, sem

distinção de classe econômica ou escolaridade. O que impressiona é que o perfil mais comum dos usuários é de homens de 18 a 30 anos, com mais de um ano de ensino superior – jovens, homens e universitários. Precisamos ficar atentos a tudo isso, pois essa taxa de consumo tende a crescer por sua localização na rota do tráfico e pela alta predominância de jovens, a parcela da população que mais usa droga. Tendo em vista que a maioria dos usuários não é de pessoas que desconhece os problemas sociais, pois estão entrando no ensino superior, a dificuldade no combate se torna ainda maior, pois é consciente e se sabe de onde vem essa droga. Não podemos deixar que as drogas, principalmente a maconha, sejam legalizadas no nosso Brasil, isso seria um enorme retrocesso à saúde, à segurança de todos os brasileiros e brasileiras. Quero dizer que, realmente, esta Câmara Vereadores tem que se manifestar. Estamos perdendo jovens promissores de um futuro que poderiam estar trabalhando, estudando e fazendo mais pela nossa Cidade, pelo nosso Estado e pelo nosso Brasil. Não fiquemos omissos, vamos trabalhar para que não exista a liberação das drogas no Brasil.

Aproveitando ainda o meu tempo, quero falar que hoje pela manhã tivemos a grata satisfação de ter 13 dos partidos que compõem esta Câmara de Vereadores fazendo parte de um debate sobre mais mulheres na política. Isso nos engrandeceu muito, pois ali estavam mulheres sem bandeira ideológicas, mas com o único foco de fortalecer, de encorajar mulheres a trabalharem também na política. Se não querem ser candidatas, que se relacionem, que invistam na política, que trabalhem com a política, porque nós, mulheres, somos excelentes gestoras das nossas casas, nós somos excelentes profissionais das mais diversas áreas, querido Ver. Goulart, nós somos excelentes no que fazemos, e a política partidária diz respeito também às mulheres. E é disso que nós precisamos, de homens que ombreiem lado a lado nesse momento de podermos trazer mais mulheres. Ficamos até decididas, a Ver.^a Mônica e eu, junto com as outras Vereadoras, de criar nesta Câmara de Vereadores um grupo de debates, um fórum suprapartidário que traga mais mulheres para os partidos e que essas mulheres tenham um posicionamento, sejam ouvidas e possam, sim, fazer a grande diferença na questão de mais creches para que as mulheres possam trabalhar, na questão de mais qualificação para essas mulheres, profissionalização e mais mulheres na política. Agradeço, e digo “não” à liberação das drogas. Obrigada.

(Não revisado pela oradora.)

(A Ver.^a Comandante Nádia reassume a presidência dos trabalhos.)

A SRA. PRESIDENTE (Comandante Nádia): A Ver.^a Fernanda Melchionna está com a palavra em Grande Expediente, por cedência de tempo do Ver. Dr. Goulart.

A SRA. FERNANDA MELCHIONNA: Eu quero agradecer imensamente o tempo cedido pelo Dr. Goulart, que estava inscrito no período de Grande Expediente e que, solidariamente, me cedeu este tempo, assim como as mensagens de solidariedade de vários partidos, Vereadores e Vereadoras desta Casa, a Câmara de Vereadores de Porto Alegre, e a solidariedade internacional que nós estamos recebendo. A Câmara de Vereadores de Buenos Aires acaba de aprovar uma moção de apoio à luta por justiça, no caso do assassinato da nossa companheira Marielle. Os companheiros do Peru, da Bolívia, do PODEMOS, a Prefeita de Barcelona, um conjunto de organizações e ativistas têm escrito e mandado a sua solidariedade ativa diante da brutalidade que foi a execução da Ver.^a Marielle Franco e de seu assessor Anderson Gomes, que também foi vitimado, junto com ela, ontem, no centro do Rio de Janeiro, quando voltava de uma atividade de mulheres negras empoderadas. E a Marielle, além de Vereadora e ativista, além de uma mulher negra oriunda da favela da Maré, de uma feminista, socialista, defensora da luta antirracista e uma defensora do combate às violações de direitos humanos, combatente do genocídio da juventude negra, com uma longa trajetória de luta nessa área, e primeiro ano de mandato como quinta Vereadora mais votada do Rio de Janeiro. Além de tudo isso, era uma amiga e companheira da bancada ativista e feminista das Vereadoras do PSOL, uma pessoa generosa, muito alegre e firme diante dos combates que nós temos que fazer nesta sociedade injusta. Todos nós ficamos entristecidos e profundamente chocados com a gravidade da execução da nossa companheira e do Anderson na cidade do Rio de Janeiro ontem. Mais do que chocados, mais do que tristes, indignados com o assassinato de alguém que ecoava tantas lutas. Tudo leva a crer que foi justamente uma execução, como apontam todas as linhas de investigação das polícias, mas, sobretudo, pela análise concreta dos fatos da atuação do mandato da Marielle, da atuação do PSOL do Rio de Janeiro no combate às milícias, porque sabemos a importância do trabalho do Deputado Estadual Marcelo Freixo, que foi homenageado nesta Casa e que tinha como

assessora na Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa a Ver.^a Marielle no enfrentamento a essas milícias, verdadeiros grupos criminosos, sustentados com agentes do Estado, em geral setores da Polícia Militar do RJ, que, junto com o crime organizado, cobram o gás, a internet e a segurança dos moradores, e ainda violentam essas comunidades.

A CPI do Marcelo Freixo levou ao indiciamento mais de 400 pessoas, levando à prisão de Vereadores e políticos que se alimentavam deste crime, que são as milícias. A Marielle seguia a linha de enfrentamento às milícias, seguia a linha de denúncia das violações, como foi na favela do Acari, na semana passada, em que a polícia agrediu jovens, o que ela denunciou a partir de seu mandato parlamentar, seguia a luta pelo feminismo e pelas defesas dos direitos dos trabalhadores da Maré. Essa linha de denúncia da Marielle, a força, a capacidade de enfrentamento e a convicção e certeza de lutar pelo bom, justo e necessário, pode ter sido, sim, algo que motivou seus executores a fazerem esse crime brutal.

Diante dessa situação de perplexidade, indignação, tristeza e comoção, temos algumas coisas a dizer: a primeira delas é que a luta da nossa companheira estará sempre presente nas nossas manifestações, nas nossas lembranças, nas nossas atuações, nos nossos mandatos e, sobretudo, nas nossas lutas das ruas, sem a qualidade de uma companheira que nós acabamos de perder. Mas não tenham dúvida de que a vida da amiga Marielle Franco não foi em vão. Nós não deixaremos que a luta da Marielle Franco seja em vão. Ela será lembrada em cada mobilização que nós fizermos. E se foi uma tentativa de calar os defensores dos direitos humanos, de fazer as denúncias e lutar contra os ataques ao nosso povo, fique o registro que não nos calarão. Neste momento, milhares de pessoas estão na Cinelândia, no velório da nossa amiga, neste momento milhares de pessoas estão em São Paulo lutando contra a Sampaprev, mas lutando também, querido Marcelo Rocha, como a nossa querida Sâmia Bomfim, em memória, em homenagem à Marielle Franco. Mais do que isso, nós não sossegaremos enquanto a investigação não for séria e os culpados não forem identificados e punidos. Nós não sairemos das ruas até que haja uma investigação verdadeira dos executores e dos mandantes do crime da Marielle Franco. Hoje, na esquina democrática, já tem milhares de pessoas confirmadas na vigília que nós faremos aqui, como farão em Salvador, como farão em Recife, como já fizeram, agora, em Londres, como farão no Santiago do Chile,

como fizeram no Parlamento Europeu, porque não só não nos calarão, como nós exigiremos justiça, como nós lutaremos pelas lutas da Marielle. Não aceitaremos que usem o seu assassinato brutal para defender coisas que ela absolutamente combatia, como a intervenção militar no Rio de Janeiro, como uma política farsesca e eleitoreira, inclusive, a crise da segurança do Rio de Janeiro se demonstra também no assassinato da nossa companheira, a crise tanto da intervenção como dos governos que faliram o Estado. A Marielle sempre defendeu investimentos sociais, sempre defendeu política para as comunidades, sempre defendeu integração das inteligências e a construção de uma segurança cidadã. Nós não aceitaremos que transformem, lamentavelmente, este momento de tristeza para nós contrário ao que a Marielle defendia.

Eu quero terminar, porque, para mim, é muito difícil falar no dia de hoje, poucas vezes as palavras me engasgam, e hoje é um dia. Mas elas me engasgam com convicção de que cada lágrima derrubada nas últimas 12 horas serão dias de luta para honrar a minha amiga e camarada. E nós temos a convicção de que a tentativa intimidatória de nos calar vai produzir exatamente o efeito contrário. Eu tenho mais força hoje para denunciar aquilo que é incorreto e aquilo que é injusto. Se acham que nos intimidam, saibam que podem matar uma flor – uma flor linda, maravilhosa e aguerrida como a Marielle –, mas jamais deterão a primavera. Saibam que se algo acontecer a qualquer um do PSOL, ou de outros defensores de direitos humanos hoje, amanhã terão dez de nós defendendo a mesma coisa e talvez de forma melhor do que nós, lutando pela emancipação dos trabalhadores, das mulheres, dos negros e negras.

Eu quero terminar esse pronunciamento com um texto que meu camarada, Bernardo Correa, escreveu nesta madrugada: “Nove tiros de uma arma carregada de silêncio. Tentaram calar a empoderada, o amor livre, a voz negra, a revolucionária, a vereadora, a dandara, a professora, a mãe que trabalha, a maré que resiste, quiseram matar o povo da batalha, mas a gente sobrevive, escapa, existe, renascemos como sol, logo e quando a noite passa, e de cada vida desperdiçada, mesmo tristes, sabemos enxugar o sangue, a lágrima e cultivar nossas cicatrizes. Saibam os covardes que, para matar a coragem, precisarão bem mais que armas, que, para matar Marielle, terão que matar a um povo inteiro. Nove tiros de uma arma carregada de silêncio. Não nos calam; nos levantam, nos preparam.”

O Sr. Marcelo Rocha: V. Exa. permite um aparte? (Assentimento da oradora.) Eu só queria utilizar o aparte para informar que o Ver. Roberto Robaina, que está em licença, e a nossa dirigente do PSOL, Luciana Genro, estão no Rio de Janeiro prestando solidariedade e exigindo que as investigações sejam céleres e vão diretamente no ponto para encontrar os responsáveis e puni-los.

A SRA. FERNANDA MELCHIONNA: Obrigada, Ver. Marcelo Rocha, que já encerrou com o que eu encerraria, eu agradeço. Nós, hoje, estamos divididos, nós, eu, o Marcelo, o Ruas, a executiva do partido, muitos movimentos sociais solidários de outras organizações de outros partidos, estaremos na Esquina Democrática fazendo uma vigília pela Marielle, assim como acontecerá em outras capitais, em outros países. Está tendo um velório na cidade do Rio de Janeiro, um velório que, à tarde, já tem milhares de pessoas na Cinelândia e que, à noite, tende a ser extremamente forte. Roberto Robaina, nosso colega Vereador e dirigente do PSOL, e Luciana Genro, dirigente nacional, nos representam neste momento de dor para levar solidariedade aos nossos camaradas do PSOL do Rio de Janeiro. Temos convicção de que essa vigília, este ato, este momento de hoje é uma homenagem à vida da Marielle e, sobretudo, uma homenagem para que a gente ecoe as lutas dela agora, na lutas do presente, e que garanta justiça, punição, identificação, para que nunca mais se repita. Marielle Franco, presente.
(Não revisado pela oradora.)

A SRA. PRESIDENTE (Comandante Nádia): O Ver. Delegado Cleiton está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

O SR. DELEGADO CLEITON: Sra. Presidenta, Srs. Vereadores, funcionários desta Casa, retorno hoje num momento de emoção, de tristeza, um momento lamentável para a história não só do Rio de Janeiro, mas de todo o Brasil. Depois de seis anos conhecendo a minha querida Fernandinha, como eu a chamo, Fernanda Melchionna, posso dizer que ela é uma guerreira e que, sempre quando sobe aqui, mostra esse sentimento de luta e de poder da mulher jovem e guerreira. Hoje eu a vi emocionada, uma emoção muito forte, mas quero dizer, Fernandinha, que essas guerreiras, esses guerreiros não morrem jamais. Eles deixam sua marca, sua semente para nos mostrar que devemos continuar

lutando em favor dos direitos humanos e dos direitos de quem realmente precisa, que não tem esse poder de estar aqui, de gritar. Essa atitude da Marielle foi algo para reforçar essa luta que a gente tanto tem feito e tem empunhado esta bandeira. E aí eu fico pensando que a primeira situação que se cria, no momento logo após o crime, é uma suspeita. Existe uma suspeita, quem sabe até pelo trabalho da Vereadora, de que possa ser alguém de dentro de uma instituição que deveria e deve dar segurança à sociedade. Mas eu gostaria de dizer aos senhores – e a Comandante Nádia sabe disso – que essas pessoas não fazem parte, essas pessoas devem ser investigadas. Se realmente aconteceu, essas pessoas não fazem parte das nossas instituições de segurança pública. Instituições pelas quais eu tenho o maior respeito e brigo para que todos que saem da linha e que não estão ali para proteger a sociedade devem ser expurgados dessas instituições.

Ontem passei dois dias em Brasília discutindo com os deputados e senadores sobre o Sistema Único de Segurança Pública. Eu e mais alguns delegados fomos, como representantes da Associação dos Delegados e mais representantes da Associação dos Comissários, lá conversar e debater um pouco sobre a segurança pública. Nós temos visto algumas intenções, e uma delas é quem fala, quem defende receber... Não sei quantos tiros, parece que nove tiros... E quem dá proteção, senhores... E há pouco saiu uma notícia de uma investigação que está sendo feita em Novo Hamburgo, já mataram um agente penitenciário e descobriram que existia uma lista de autoridades, delegados, juízes, promotores, a serem eliminados. Eu quero dizer a essas pessoas do mal que nós não nos intimidamos com isso. Eu trabalho há 27 anos como Delegado de Polícia e nunca me intimidei que alguém viesse me ameaçar. Quando existe esse retrocesso na sociedade para quem milita e está ali democraticamente defendendo uma parte da sociedade é muito lamentável, e nós todos saímos feridos neste momento. Nós todos estamos feridos neste momento lamentável da vida do nosso País. Obrigado, senhores.

(Não revisado pelo orador.)

A SRA. PRESIDENTE (Comandante Nádia): Passamos à

PAUTA

O Ver. Reginaldo Pujol está com a palavra para discutir a Pauta.

O SR. REGINALDO PUJOL: Sra. Presidente, Srs. Vereadores e Sras. Vereadoras, ainda que sabidamente é antirregimental, eu não posso iniciar este meu pronunciamento, que é discussão preliminar de Pauta, sem estender o meu abraço de solidariedade à Ver.^a Fernanda Melchionna e aos seus companheiros de bancada frente a esta situação absolutamente desagradável, ignóbil e, sobretudo, desumana e que merece o repúdio de todos nós. O meu abraço solidário.

A minha vinda à tribuna, Sra. Presidente, é especificamente para enfrentar um debate que certamente terá que surgir nesta Casa a respeito do projeto de resolução de autoria da Ver.^a Sofia Cavedon e outros, que revoga o parágrafo único do art. 109 da Resolução nº 1.178 de 16 de julho de 1992, do Regimento da Câmara Municipal de Porto Alegre, e alterações posteriores, excluindo exceção conferida ao Executivo Municipal quanto ao cumprimento de requisitos para reapresentar matéria constante de projeto de lei rejeitado na mesma sessão legislativa. Numa breve leitura a respeito da proposta da Ver.^a Sofia Cavedon, fica evidente que a mesma pretende nivelar a Casa, os legisladores, os Vereadores integrantes deste sodalício com o Executivo Municipal, lhes permitindo idêntica possibilidade. Fato que, sinceramente, no meu entendimento, em vez de equacionar positivamente uma situação, equaciona de forma equivocada. Eu acho que esse poder que o Executivo tem de renovar no mesmo ano os projetos que a Casa rejeita é um equívoco. Conceder também essa possibilidade aos integrantes deste Legislativo seria multiplicar esse equívoco por 36 vezes de possibilidades. Acho que se alguma coisa tem que ser nivelada, deveria ser a impossibilidade de se pedir a renovação da votação de projeto rejeitado pela Casa, tenham eles origem e chancela do Executivo ou a origem e a chancela do Legislativo.

Por isso, como é de meu hábito, venho à tribuna logo no início da discussão, já delimitando o grau de restrições que tenho ao projeto e me propondo a discuti-lo na maior brevidade possível, como, de resto, tenho discutido outros projetos que mereçam essa discussão mais aprofundada. Aliás, Vereadora-Presidente, eu me assusto sobremaneira com a frequência com que nós estamos mudando o Regimento da Casa. Há bem pouco tempo era dito que eu era grande conhecedor do Regimento; hoje já não sei se conheço todo o Regimento porque as mudanças se dão quase que mês a mês, quando não mais

de uma vez por mês. Então, com toda a tranquilidade, sem que isso represente nenhuma postura de predisposição contra a autora, mas sim contra o mérito, quero, desde já, enfatizar claramente que essa matéria, longe de estabelecer uma igualdade positiva, vai estabelecer uma igualdade negativa, capaz de atrofiar os trabalhos desta Casa de forma irrecuperável. Imaginem os senhores e as senhoras se todos os nossos colegas Vereadores, entre os quais nós nos incluímos, pudesse, uma vez rejeitados os seus projetos de lei, na mesma legislatura, no mesmo ano legislativo, colocá-los novamente em discussão. Isso nos levaria a uma situação extremamente negativa e, com toda a certeza, criar obstáculo quase que insuperável para o bom funcionamento da Casa. Era isso, Sra. Presidente.

(Não revisado pelo orador.)

A SRA. PRESIDENTE (Comandante Nádia): Muito obrigada, Ver. Reginaldo Pujol. Não tendo mais nenhum Vereador inscrito para discussão preliminar de Pauta, dou por encerrada esta Sessão legislativa, com as bênçãos de Deus! Obrigada.

(Encerra-se a Sessão às 15h37min.)